

## São Salvador de Cristelo

CRISTELO, orago S. Salvador, era abadia da apresentação dos Pinheiros de Barcelos.

Pinho Leal no seu «Portugal Antigo -e Moderno», diz que o direito da apresentação desta freguesia era dos Pinheiros, *como morgados de Pouve*, o que não me parece ser verdade, ao menos no seu início, pois o padroado desta freguesia já andava nos Pinheiros antes da instituição daquele vínculo.

O morgado de Pouve foi instituído em 1453 por João Esteves, o qual morrendo sem geração nomeou-o em seu sobrinho Álvaro Pinheiro Lobo, filho de seu irmão e cunhada, o Dr. Pedro Esteves e D. Isabel Pinheiro.

O primeiro padroeiro da Igreja de Cristelo, de que temos notícia, foi Martim Gomes Lobo, casado com D. Mor Esteves Pinheiro, pais daquela D. Isabel Pinheiro.

Álvaro Pinheiro Lobo herdou, pois, o padroado de Cristelo pela linha de sua mãe D. Isabel Pinheiro e o morgado de Pouve pela linha de seu pai o Dr. Pedro Esteves, assim andando padroado e morgado na linha legítima e directa de Álvaro Pinheiro Lobo até ao século xvn.

Em 1656 era podroeiro de Cristelo e morgado de Pouve, Rui Pinheiro de Lacerda, sucedendo-lhe à sua morte a única filha legítima D. Ana Pinheiro, a qual faleceu moça sem geração.

Passou então o padroado e toda a casa para a tia D. Isabel, freira em Vairão, que tudo possuiu enquanto viva.

Rui Pinheiro de Lacerda tinha porém deixado vários filhos bastardos, entre os quais Luís Pinheiro de Lacerda, a quem o pai obrigou a ordenar-se de clérigo e a tia como padroeira o despachara abade de Cristelo.

Morta esta última padroeira, Luís Pinheiro de Lacerda introduziu-se na casa e morgados que tinham sido usufruídos pelo pai e ainda no padroado daquela Igreja, de que ele era abade.

Este acto, porém, não passou sem o protesto de Pedro Lopes de Azevedo, senhor da casa de Azevedo, que se julgava o legítimo e imediato sucessor do último morgado e padroeiro, intentando uma acção de reivindicação, cuja acção se arrastou pelos tribunais durante trinta e tantos anos.

Entretanto morre Luís Pinheiro de Lacerda, que teve o cuidado de não deixar extinguir a sua raça, procriando em sua prima D. Isabel de Sousa um bastardo, Clemente Pinheiro de Lacerda.

Clemente Pinheiro de Lacerda julgou-se também com direito a continuar na posse da casa do pai e no padroado da Igreja de Cristelo; na vida deste, porém, vence Leonardo Lopes de Azevedo a questão intentada por seu pai, passando então o padroado da Igreja de Cristelo para a casa de Azevedo, onde permaneceu até à sua extinção.

*Cristelo* vem, segundo o P.<sup>e</sup> António Gomes Pereira, de *Christellas*, diminutivo de *Christus*, cristinho, pequeno cristo.

Há porém quem opine, como Pinho Leal e outros, que vem de castro romano ou pre-romano formando o diminutivo *crastelo*.

E assim nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação =«De Sancto Salvatore de Crastelo», nas Terras de Faria.

O rei não tem aqui reguengo alguns e «in quocunque loco intrat Maiordomus dant illi de vita qualem habet, et dant ei omnes singulas gallinas ».

Nesta freguesia tinham terras Várzea, Vila Seca e Braga.

A Igreja Paroquial estava primitivamente em um campo, um pouco ao sul da actual, onde se encontram vestígios, como pedras, tijolos, etc.

Devia ter sido mudada para o sítio onde está no século XVII.

O seu frontispício assenta em dois arcos que fecham o átrio e por cima da janela ostenta o escudo dos Pinheiros, padroeiros desta Igreja.

Do lado esquerdo ergue-se uma sólida torre, seguindo-se-lhe duas sacristias e, do lado direito, junto à capela--mor, há uma outra sacristia, que é a paroquial.

Nesta, metido na parede, está um lavabo em pedra em que a água cai pela boca de uma carranca.

Existe nesta sacristia um retrato a óleo, ainda que me pareça de pouco valor artístico, o qual tem pintada a seguinte inscrição: «Rd.º José Gomes da Costa, Abade de São Salvador de Cristelo, retratado em 1866 na idade de 75 anos».

Vi também aqui uma cruz gótica de latão, uma custódia de prata antiga de muito merecimento, uma casula de seda bordada, de grande valor, e dois véus de cálice que estão encaixilhados na parede.

Na capela-mor estão dependurados das paredes seis quadros, pintados em madeira, emoldurados em belos caixilhos de rica talha antiga.

Funcionam nesta Igreja as seguintes confrarias: a do Sacramento, instituída em 1783 e a do Rosário em 1794.

Ao lado esquerdo da Igreja, junto ao adro está a Residência Paroquial, antiga e um pouco arruinada, tendo apenas de interessante a escada e o pátio de entrada.

Ao fundo do extenso terreiro, que da Igreja se estende até à estrada, ergue-se o Cruzeiro Paroquial, contendo a seguinte inscrição: « B. L. O. T. A. 1619».

Ao lado deste e já junto à estrada está o Cemitério Paroquial, cujo portão tem a data «1887».

Em frente a este e do outro lado da mesma estrada, vê-se a antiga Capela de Nossa Senhora do Rosário» de estilo pobre, com sacristia.

Nas costas desta capela encontra-se um curioso nicho com o título de Senhor da Piedade: uma cruz, um cristo crucificado e aos pés a imagem da Virgem, de escultura tosca, em cima de uma coluna, tudo em pedra.

É abrigado por um alpendre de madeira com colunatas de pedra.

Mais abaixo, ao lado do mesmo terreiro, levanta-se a Capela de Nossa Senhora de Lourdes, moderna, no sítio onde esteve um nicho ou alminhas.

No terreiro das Necessidades há a Capela da Senhora das Dores, que é particular e pertence aos herdeiros de Romão Sobral.

Nesta freguesia há ainda os seguintes nichos: o da Torre, o do Hortal, o do Paço, o do Senhor do Vale e o de Novais.

Bem curioso é este, em forma de gruta, com a imagem de Cristo crucificado pintada em uma cruz.

Esta imagem foi restaurada há anos e o *artista* nesta sua obra quis mostrar ou a sua pouca arte ou a sua falta de caridade de tal maneira a executou.

Esta freguesia, situada em planície, é banhada pelo ribeiro de Couço que nasce em Paradela e vai juntar-se a outros na Lagoa das Necessidades, Ponte do Estreito,

formando o rio Tinto, afluente do Cávado, e é servida pela Estrada Municipal que de Vilar de Figos vem juntar-se à derivação de uma outra, que da estrada também Municipal de Barcelos à Póvoa de Varzim, no lugar de Chão, vai comunicar com a mesma adiante das Necessidades.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Encourados, a de Vilar, a da Bica, a de Baçar, a do Passal, a de Bouça de Vila, a da Igreja e do Rego Lousado.

Confronta do norte com as freguesias de Vila Seca e Rio Tinto, esta do concelho de Esposende, do nascente com a de Faria e a de Vilar de Figos, do sul com a de Paradela e a de Laundos, esta do concelho da Póvoa de Varzim, e do poente com a de Barqueiros.

A sua população no século XVI era de 44 moradores; no século XVII era de 120 vizinhos; no século XVIII era de 164 fogos; no século XIX era de 876 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 970 habitantes sendo 456 varões e 514 fêmeas, sabendo ler 172 homens e 62 mulheres.

Tem Escola oficial mista que funciona em edifício pertencente à Junta da Freguesia, três lojas de mercearia e uma caixa do correio.

A indústria que aqui se exerce não é digna de nota.

Os seus lugares habitados são: Monte da Igreja, Bouça, Couto, Moinhos, Vilar, Regatinho, Outeiro, Porta, Paço, Ferreiros, Hortal, Encourados, Veiro, Novais, Cerqueira, Chãs, Baçar e Monte de Novais.

No terreiro das Necessidades, parte do qual ainda está sito nesta freguesia, havia um lugar *mieiro*: um ano pertencia a Barqueiros e outro a Cristelo.

As suas casas mais importantes são: a do Hortal, a do Mariz, a da Capela, a da Chãs, a do Paço, a da Torre, a de Novais e a de Veiros.

Dos seus homens mais ilustres destacaremos os seguintes :

*João de Aguiar Miranda*, natural desta freguesia. Por escritura de 24 de Maio de 1657 repartiu o rendimento de seus bens pelos pobres e legados pios.

*Dr. José Domingues Mariz*, natural desta freguesia, bacharel formado em Teologia e Direito pela Universidade de Coimbra, foi abade da freguesia da Vitória na cidade do Porto, onde faleceu em meados do século XIX e jaz em Cristelo.

*Dr. José Jorge Domingues Mariz*, sobrinho do antecedente, bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, foi professor do Liceu de Évora. Faleceu há poucos anos.

*Dr. Augusto Gomes Moreira*, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi Notário na vila de Barcelos, e faleceu em 1908.

*Padre Manuel Gonçalves Linhares*, natural desta freguesia, foi Professor oficial em Cristelo e depois em Terroso, do concelho da Póvoa de Varzim.

*Padre António José Fernandes*, natural desta freguesia, foi Pároco em Paradela e em Lijó.

*Dr. Manuel Ludgero Gomes Álvares de Sá Ramires*, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi advogado em Barcelos, Vereador da Câmara Municipal, Administrador do Concelho, Provedor da Santa Casa da Misericórdia e Juiz de Direito substituto da mesma comarca, tendo falecido há poucos anos.

Atestando a permanência de povos antigos aqui, havia as chamadas «Casinhas dos moiros», talvez de origem celta, uma amontoação de terra com uma cova no meio, que infelizmente desapareceram. Há ainda o sítio da Mamoa.

No monte de Veiros (cujo nome quer dizer: velo, beta, filão) corre na tradição haver minas de prata em exploração no tempo dos romanos.

No eirado da casa de Novais está uma pedra de armas ou brasão, no chão, encostada a uma parede, junto a um caminho onde passam carros de bois e portanto sujeita a desaparecer, que causa pena ver assim abandonada.

No lugar de Ferreiros observa-se o curioso costume de os seus moradores rezarem em público à noite o terço. Um vizinho abre a janela, toca uma campainha e começa a reza que os outros acompanham das suas respectivas casas.

Nos séculos XVII e XVIII, nas ruas das principais cidades de Portugal, rezava-se o terço de modo semelhante e nas casernas, no tempo felicíssimo da Senhora D. Maria I, os soldados adormeciam ao som monótono da recitação.

Hoje, porém, com a invenção do cinema e a frequência da *bisca lambida*, à noite, nas tabernas, perdeu-se este religioso e portuguesíssimo hábito.

Quam mutatus ab illo!

Que me conste, por aqui só no lugar de Ferreiros, da freguesia de Cristelo, é que ainda se guarda aquele piedoso costume.